

Sobre o Projeto Bragança+: uma iniciativa para promover a acessibilidade sensorial: primeiras testagens

Ingrid Freitas, Cláudia Martins

Instituto Politécnico de Bragança

RESUMO

O presente trabalho relata os resultados da primeira fase do projeto de implementação de acessibilidade sensorial para pessoas cegas ou com baixa visão no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, localizado no município de Bragança. O projeto tem como objetivo implementar acessibilidade sensorial através de recursos de baixo custo como o código QR e impressões em 3D das obras em exposição. No âmbito desta primeira fase realizou-se um formulário de sensibilização de normovisuais no sentido de averiguar a sua percepção face ao que é audiodescrição.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual, Acessibilidade sensorial, Audiodescrição Museológica, Deficiência visual.

O projeto Bragança+, ainda em desenvolvimento como parte do mestrado em Tradução, surgiu com o objetivo de implementar acessibilidade sensorial através de recursos para a inclusão, como a audiodescrição e elementos táteis que reproduzam obras bi- e tridimensionais, para pessoas cegas ou com baixa visão no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, em Bragança, Portugal.

A audiodescrição é um dos diversos recursos de acessibilidade que encontra-se incluída na Tradução Audiovisual. Esta atividade mediadora consiste na tradução das imagens em palavras através de uma descrição objetiva e tem como objetivo tornar acessível um elemento cultural/social para pessoas cegas ou com baixa visão.

Esta iniciativa tem como proposta implementar a acessibilidade para estes visitantes com ajuda de recursos com baixo ou nenhum custo. Desta forma, o código QR, gráfico bidimensional formado por código de barras que tem a capacidade de ser interpretado rapidamente por aparelhos eletrónicos através da sua câmara, foi escolhido devido ao seu grande alcance. Esta escolha fundamenta-se no acesso facilitado a aparelhos celulares modernos nos dias de hoje, bastando apenas ter uma ligação com a internet para fazer o download da aplicação que permite a leitura do código QR.

Outro recurso também pensado para fazer parte da implementação da acessibilidade para pessoas cegas ou com baixa visão no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais foi a impressora 3D, capaz de reproduzir as obras que compõem o acervo selecionado através de materiais táteis bi- ou tridimensionais, possibilitando “enxergar” com o toque.

O desenvolvimento do projeto se dará em duas etapas. A primeira fase tratou-se de uma testagem com as obras que compõem a coleção “Humanidade” da artista Graça Morais. A exposição, que esteve aberta para visitas de 30 de junho de 2018 a 24 de

fevereiro de 2019, estendia-se por 7 salas e era composta por desenhos em carvão sobre papel e pinturas em aquarela, todos na mesma temática do gafanhoto e da metamorfose, inspirados na obra de Franz Kafka.

Nesta primeira fase, foram realizadas atividades com pessoas cegas e normovisuais com o intuito de perceber de forma mais profunda as necessidades deste público, bem como descortinar outras estratégias que podem ser utilizadas para a implementação de recursos de acessibilidade sensorial nos espaços do Centro de Arte Contemporânea Graça Moraes e gerar sensibilidade, tanto no público normovisual, através de pesquisas, quanto em nós, profissionais no âmbito da inclusão e mediação cultural/social.

Foram então desenvolvidas duas atividades para normovisuais, uma pesquisa (inquérito anônimo) para perceber a sensibilidade dos respondentes ao descrever as obras de maior destaque da exposição “Humanidade” e um exercício, voltado para as crianças, de interpretação e criação de uma história a partir do desenho de maior dimensão desta coleção.

Uma visita guiada audiodescrita foi realizada com uma pessoa cega. Durante o percurso, foi feita uma breve apresentação sobre a temática das obras, para além da descrição das 6 obras em carvão sobre papel que compõem esta coleção, e sobre questões físicas como cor das paredes, tipo de chão, detalhes que acompanham o rodapé até as pilastras das portas e a iluminação das salas, ora artificial, ora iluminadas através de uma combinação de luz artificial e luz natural vinda das janelas.

A segunda fase do projeto destina-se para a implementação efetiva da acessibilidade sensorial, audiodescrição das obras e presença de materiais táteis que reproduzam as obras de maior destaque da coleção, no Centro de Arte Contemporânea Graça Moraes, no âmbito da exposição “Olhos azuis do mar” da mesma artista, patente de 9 de março a 8 de setembro.

A sensibilização dos normovisuais como força motriz para a inclusão

Nesta primeira fase do projeto foi criado um formulário na plataforma on-line do Google Forms com as obras de maior destaque da exposição “Humanidade”. Ao todo, 6 desenhos em papel sobre carvão foram selecionados para compor esta atividade de audiodescrição.

No formulário, também foram requeridas algumas informações pessoais sobre o participante como idade, gênero, nível de escolaridade (ensino fundamental/primário, ensino médio/secundário e ensino superior), profissão, frequência de visita a museus (5 ou mais vezes por mês, 3 ou 4 vezes por mês, 1 ou 2 vezes por mês ou raramente), para além da experiência de realizar a audiodescrição das obras escolhidas.

O questionário, isento de qualquer informação que revelasse a identidade, como nome ou características físicas, contou com a participação de 30 pessoas, entre elas crianças, adultos, com diferentes níveis de escolaridade, desde estudantes do ensino básico a doutorados e a profissões das mais variadas, como, engenheiros, professores e empresários.

Um fator de destaque para esta atividade foi o baixo índice de visita a museus por parte dos questionados, mesmo as pessoas com mais alto nível de escolaridade e profissão mais qualificada, tendo em vista que estas são tidas na sociedade como maiores consumidores culturais, devido à facilidade de acesso à informação.

A quantidade reduzida de pessoas que já tiveram algum contato com audiodescrição também foi um ponto que chamou bastante a atenção durante o desenvolvimento desta fase do projeto. Dos 30 questionados, apenas 6 relataram terem tido alguma experiência com audiodescrição em museus.

Este questionário pretendeu também compreender a percepção de não especialistas ao caracterizar uma obra em sua forma descrita. Esta atividade contribuiu para um processo de reflexão para entender que a descrição, numa concepção individual, trata-se de uma apreciação particular, face ao entendimento/visão de cada sobre uma determinada obra.

Quanto aos dados relativos à audiodescrição feita pelos participantes desta primeira fase, notou-se uma distinção do público que já teve alguma experiência com audiodescrição museológica face aqueles que nunca tiveram contato com esse recurso de acessibilidade.

Observamos que a maioria dos casos, mesmo de pessoas que relataram ter algum tipo de experiência com audiodescrição, tinham uma tendência para criar uma história tentando contextualizar de alguma forma a imagem apresentada, em vez de descrever a mesma. Muitos tentavam interpretar a obra e não descrevê-la, como podemos observar nos exemplos a seguir: “Bloqueios sentimentais/pessoais resultando em angústia e isolamento” (respondente A) e “Fim de uma vida sem sentido. Angústia.” (respondente B). A imagem referida trata-se de um desenho que aparenta retratar um ser de perfil já metamorfozando, ou seja, com traços e características que lembram um inseto, como podemos verificar na Figura 1 a seguir.



Figura 1. Desenho com parecenças de Avatar (Graça Morais, 2018).

Ainda sobre as descrições desta imagem, durante a análise dos dados recolhidos, verificou-se um caso de uma pessoa que relatou em suas respostas nunca ter tido contato com este recurso; entretanto, ao fazer a descrição das obras apresentadas, exprimiu sensibilidade esperada por alguém que já vivenciou este tipo de experiência, como podemos observar: “Uma mulher ou um homem de perfil, cabelos médios e ondulados. Há uma ferida do lado esquerdo do peito semelhante a uma perfuração de bala, e dela escorre sangue. Há um buraco negro no lugar do olho e o rosto parece arranhado. Do outro lado do perfil, há uma mancha preta com rabiscos horizontais semelhante a uma folha de coqueiro. No alto dessa mancha há algo parecido com o perfil de um felino e também algo como uma planta.” (respondente C).

Em outro caso, dois participantes fizeram uma analogia à história da Chapeuzinho Vermelho: “Uma criança com medo abraçada no lobo mau dos contos infantis”

(respondente D), “Indivíduo assustado sendo abraçado por uma espécie de lobo” (respondente E). O desenho em causa trata-se de uma figura que podia retratar uma mulher, também já metamorfozada, com traços de inseto, com uma criança em seu colo, retratada na Figura 2 abaixo.



Figura 2. Pai e filho abraçados (?) (Graça Morais, 2018).

Nos casos onde foi observado algum aspecto que pudesse se caracterizar como uma descrição, nos deparamos com descrições simples, sem muitos detalhes, que mais pareciam um título para a obra, como “medo” (respondente F), “proteção maternal” (respondente G), “escura” (respondente H), “autorreflexão” (respondente I) e “gentileza” (respondente J).

Concluímos, portanto, que o desenvolvimento desta atividade no âmbito da primeira fase do projeto Bragança+ foi fundamental para percebermos a sensibilidade e a capacidade criativa de descrição de pessoas não-especialistas e o seu comportamento frente a este tipo de contexto.

REFERÊNCIAS

- Benecke, B. (2004). Audiodescription. In Yves Gambier (Ed.). Meta – Traduction Audiovisuelle, 49: 1, 78-80. Les Presses de l’Université de Montréal. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/2004/v49/n1/009022ar.html>
- Dodd, Jocelyn & Sandell, R. (1998). Building Bridges: Guidance for museums and galleries to develop new audiences. Londres: Museums and Galleries Commission.
- Independent Television Commission. (2000). ITC Guidance on Standards for Audio Description. Disponível em: http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/uploads/ITC_Guidance_On_Standards_for_Audio_Description.doc
- Fryer, Louise. (2016). An Introduction to Audio Description: A Practical Guide. Routledge.
- Neves, J. (2011). Imagens que se Ouvem. Guia de Audiodescrição. Lisboa & Leiria: Instituto Nacional de Reabilitação e Instituto Politécnico de Leiria. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322975503_Neves_Joselia_2011_Imagens_que_se_Ouvem_Guia_de_Audiodescricao_Lisboa_Leiria_Instituto_Nacional_de_Reabilitacao_e_Instituto_Politecnico_de_Leiria_ISBN_978-989-8051-20-2

- Martins, C. (2013). A acessibilidade museológica: o caso do Museu do Abade de Baçal. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/11659/3/acessibilicademuseologica-MAB-ultimaversao.pdf>
- Martins, C. (2015). Longe da vista, perto da imaginação – análise de audioguias em museus portugueses. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/15226/1/Longe%20da%20vista,%20perto%20da%20imagina%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Sasaki, K. (2005). Inclusão: o paradigma do século 21. Inclusão – Revista de Educação Especial, 19-23. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>
- Snyder, J. (2008). Audio Description. The Visual Made Verbal. In Jorge Diaz-Cintas (Ed.). The Didactics of Audiovisual Translation (pp. 191-198). Amesterdão & Filadélfia: John Benjamins Publishing.